

SÃO BERNARDO

GRACILIANO RAMOS

PROF. JORGE ALBERTO

I. RESUMO BIOGRÁFICO

Graciliano Ramos, natural de Alagoas, antes de se tornar escritor foi prefeito de Palmeira dos Índios e diretor da Imprensa Oficial de seu estado. Simpatizante do Partido Comunista, foi preso em 1936 e enviado ao presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Essa triste experiência é relatada em *Memórias do cárcere*. Solto nove meses depois, não voltaria para o Nordeste, fixando-se no Rio de Janeiro.

Em 1939, foi nomeado inspetor do Ensino Secundário. Filiou-se ao Partido Comunista em 1945, tendo visitado países do Leste europeu (Tchecoslováquia) e União Soviética). Sua vida foi marcada por um caráter firme e uma consciência aguda dos problemas brasileiros. Graciliano Ramos morreu de câncer no pulmão, no Rio de Janeiro, em 1953.

II. OBRA

ROMANCES: Caetés; São Bernardo; Angústia; Vidas Secas; Viagem.

MEMÓRIAS: Infância; Memórias de cárcere.

CONTOS: Histórias de Alexandre; Alexandre e outros heróis; Insônia.

CRÔNICAS: Linhas tortas; Videntes das Alagoas.

III. LINGUAGEM & ESTILO

A prosa de Graciliano Ramos caracteriza-se por uma linguagem direta, enxuta, em que não sobram nem faltam palavras. Seu estilo, tenso e ao mesmo tempo contido, revela um escritor preocupado com o equilíbrio e a exatidão na forma. Seus temas contemplam o mundo rural do Nordeste, cujas desigualdades ele denuncia. Ao produzir uma literatura engajada, Graciliano Ramos não abandona suas preocupações com o texto. Sua técnica narrativa supera as limitações típicas dos escritores engajados, que muitas vezes se deixam levar pela matéria a ser narrada, descuidando do modo de narrar.

Vidas secas e São Bernardo, seus livros mais importantes, ambientam-se no espaço rural do Nordeste. O primeiro tornou-se exemplo acabado de sua prosa concisa e questionadora, inconformada com as desigualdades socio-econômicas. À seca, fenômeno natural e cíclico, associam-se outros fatores como a concentração da propriedade das terras e as arbitrariedades dos poderosos, tornando quase impossível a sobrevivência dos camponeses.

Em São Bernardo, a mesma denúncia vem acompanhada de uma análise psicológica, em que o narrador procura expor, a partir da relação patrão-empregado e no âmbito conjugal (casamento), a fragilidade e a complexidade da alma humana.

IV. SÃO BERNARDO

Publicado em 1934, São Bernardo é o segundo volume do escritor, sua segunda experiência narrativa em pessoa, já que *Caetés* (1933) também apresenta narrador-personagem.

Graciliano põe a narrativa na boca de um homem do mato, um matuto que alcançou riqueza, poder de esperteza, intolerância e desconfiança. Não é contudo imbecil.

O livro é de linguagem direta, seca e traz perfeita sincronia entre o meio bruto e o personagem que nele vive. A economia de meios aliada à simplicidade dos períodos curtos apresenta a força da expressão de Graciliano Ramos. Prevalece a substantivação em detrimento do adjetivo – escasso, mas necessário para expressar a rudeza do ambiente e a sequidão do personagem. À lucidez e ao equilíbrio da narrativa contrapõe-se o caos interior do personagem.

O volume gira em torno de Paulo Honório, homem psicologicamente dominador em cujas mãos os outros personagens tornam-se joguetes. O fator “posse” surge desde as primeiras linhas, quando o narrador se propõe a escrever um livro de memórias e colocar o seu nome na capa, embora, inicialmente, pretendesse construí-lo pela divisão de trabalho.

Trata-se de um dos principais romances produzidos pela geração regionalista nordestina dos anos 30. A razão disso é que Graciliano Ramos conseguiu realizar nesta obra não apenas uma

história expressiva, mas também um auto-retrato “em branco e preto”, em que o narrador-personagem sintetiza seu passado, sua perplexidade e culpabilidade. Os dois planos estão ligados.

A história nos põe diante da ascensão e queda de um proprietário rural, Paulo Honório, um homem de índole intolerante e praticista, e que consegue levar à fama a fazenda São Bernardo, que ele adquiriu por meio escusos e que até então estava praticamente relegada ao abandono. Já o drama diz respeito à relação de Paulo Honório com Madalena, sua jovem esposa.

1. ESTRUTURA NARRATIVA

FOCO NARRATIVO: o narrador Paulo Honório escreve de si mesmo, falando em primeira pessoa. Subsídio importante a este assunto é a declaração do narrador, de que teria imaginado escrever o livro a várias mãos, chamando os amigos para colaborar (“imaginei construí-lo pela divisão do trabalho). Isso não aconteceu, pois o narrador temia compartilhar sua vida com os outros, deixar alguns segredo escaparem.

ESPAÇO: boa parte do romance gira em torno do cotidiano de uma fazenda. Mas desse cotidiano só interessam os momentos privilegiados pela memória de Paulo Honório. Ele não dá uma visão panorâmica da fazenda, porque não está interessado m arte descritiva.

TEMPO: nós são sabemos em quantos dias o narrador completou seu romance. Mas temos a impressão de que esses dias de escrita e composição foram mais intensos que todos os outros. Esse é o efeito do chamado “tempo psicológico” ou “tempo da alma”, em que o narrador se espelha em si mesmo, jogando sua memória para lá e para cá.

PERSONAGENS PRINCIPAIS:

- Paulo Honório = homem rude, origem pobre, tenaz e violento; comportamento desconfiado contra tudo e todos; fica rico em circunstâncias escusas ao reerguer a fazenda São Bernardo; homem impulsivo e intolerante;
- Madalena = esposa de Paulo Honório; professora; mulher de brio e dignidade; preocupada com a justiça social;

ENREDO:

Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*, inicia a narrativa recordando-se de quando convidara alguns de seus amigos para escreverem o livro de sua vida. "Padre Silveira ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro."

Homem de dinamismo e objetividade fortemente acentuados, antevê uma empreitada de sucesso ao pensar na venda de mil exemplares após os elogios na Gazeta. Não entrando em acordo com os possíveis colaboradores, resolve ele mesmo escrever a sua história.

Continua com a seguinte auto-apresentação: "Declaro que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração." Segue narrando a difícil infância que teve e da qual mal se lembra, a não ser da preta velha que vendia doces, e hoje acolhe em sua fazenda, e do cego de quem foi guia. De forma fragmentária e em tom regionalista, os fatos de sua vida sucedem uns aos outros desde a mocidade. Esteve preso por esfaquear João Fagundes por causa da Germana, antiga amante sua que virou prostituta. Foi na cadeia que aprendeu a ler. Fez biscates viajando pelo sertão, comercializando miudezas e sofrendo intempéries, fome e sede. Prosseguiu sem descanso na luta pelo capital, pois seu objetivo na vida era adquirir a fazenda de São Bernardo e vê-la produtiva. Acerta contas com o Pereira, agiota e político, tirando-lhe tudo. Contrata capangas, entre os quais Casimiro Lopes, para cobrar do Dr. Sampaio o que este lhe devia. Casimiro Lopes segue-o por toda a vida. É um caboclo ignorante e rude. Na opinião de Paulo Honório, "um bicho do mato e fiel feito um cão de guarda". Decide fixar-se em Viçosa (AL), onde nascera. Trava amizade com Luís Padilha, filho de Salustiano Padilha, já falecido e antigo proprietário de São Bernardo. Quando criança Paulo Honório fora lavrador na fazenda. Luís Padilha, um tipo franzino, entregara-se ao jogo e à bebida. A fazenda encontrava-se em lastimável estado de abandono. Paulo Honório negocia com Padilha a compra da propriedade por uma bagatela. "Não tenho remorsos." São suas palavras ao término da negociação. De posse de São

Bernardo, tem início uma disputa velada pela demarcação da propriedade entre Paulo Honório e Mendonça, antigo inimigo de Salustiano Padilha. Mendonça seu vizinho, avançara para as terras de São Bernardo. Mendonça é morto enquanto Paulo Honório está na cidade conversando com Padre Silveira sobre a construção de uma capela na fazenda. Na noite anterior Paulo Honório e Casimiro viram um empregado de Mendonça rondando a casa.

Conhece seu Ribeiro na Gazeta, na qual exerce a função de gerente. Convida-o para ser contador e guarda-livros em São Bernardo. Seu Ribeiro, homem letrado de nobre caráter, resolvia os problemas de toda a gente em sua terra natal antes da chegada do progresso. Depois passou por grandes privações. Paulo Honório progride muito em cinco anos. Invade terras vizinhas, desenvolve a pomicultura e a avicultura, constrói estrada de rodagem para transportar os produtos produzidos em São Bernardo, constrói açude e capela. Costa Brito elogia seus feitos na Gazeta em troca de paga. A fazenda possui serraria e descaroçador. A mamona e o algodão lhe rendem bons lucros. Mantém um rebanho regular. Faz negociações com o governo; João Nogueira é seu intermediador e advogado. Constrói escola na fazenda em troca de favores. Visando sempre a produção da propriedade, acaba por estabelecer relação de extremo autoritarismo com os empregados. As condições de vida destes são lastimáveis: alimentam-se mal, sofrem moléstias e vivem em barracos úmidos. Espanca-os quando julga necessário. Frequentam a casa de Paulo Honório: João Nogueira, Gondim, Padilha, Padre Silvestre, Dr. Magalhães. Há sempre influência da classe dominante sobre os negócios. O Dr. Magalhães, juiz, foi o único poupado quando Paulo Honório invadiu as terras circunvizinhas a São Bernardo. A determinada altura, com a fazenda já sob controle, Paulo Honório decide casar-se. "Amanheci um dia pensando em casar. Não me preocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é bicho esquisito, difícil de governar. (...) o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo."

Com o firme propósito de casar-se, idealiza uma mulher morena, forte e saudável, com trinta anos. Pensa em todas as mulheres disponíveis que conhece e chega a conclusão de que Marcela, a filha do juiz, está mais de acordo com sua fantasia. Vai à casa do juiz e lá conhece uma mocinha loura, delicada loura, delicada, de lindos olhos azuis, o oposto da mulher que imaginara. Compara Marcela com a loura e decide-se por esta. Paulo Honório vai embora pensando na moça.

Passado um mês da visita ao juiz, após ter resolvido uma desavença com o Brito por tê-lo difamado no jornal, e tendo ido à cidade em função deste problema, reconhece D. Glória que senta-se ao seu lado, no bonde, de regresso a São Bernardo. Tratava-se da senhora que acompanhara a mocinha loura, na ocasião da visita ao Dr. Magalhães, e por quem Paulo Honório sentira-se enamorado. No percurso mantiveram longa conversa. D. Glória revelou-lhe ser tia da tal moça. Ao chegarem à Estação, D. Glória apresentou-lhe a sobrinha, que se chamava Madalena. Convidou-as a passarem um tempo em São Bernardo.

Através do Gondim, Paulo Honório obtém informações sobre Madalena: é excelente professora, estudou em colégio normal. Moça muito culta e politizada. Trabalha no Cruzeiro. Após tê-las convidado para jantarem em sua casa e já ter adquirido certa intimidade com as duas mulheres, Paulo Honório resolve contar à D. Glória sobre a sua intenção de casar-se com Madalena. Não obtendo aprovação da tia, vai diretamente à sobrinha tratar do assunto. Madalena pede um tempo para pensar, o que Paulo Honório considera um desperdício. Acabam por se entender e Madalena aceita o pedido.

Depois de oito dias casados começam os desentendimentos. Madalena, mulher humanitária e de opinião própria, não concorda com o modo como o marido trata os empregados. Paga-lhes muito pouco, são explorados. Paulo Honório enfurece-se com as opiniões da mulher e com a demasiada generosidade despendida por ela aos "necessitados" que trabalham em São Bernardo. Remédios, comida, roupas... um absurdo, um desperdício. Mal consegue conter-se; está possesso. Madalena tornara-se um ultraje a sua autoridade de proprietário.

As conversas na fazenda giram em torno de negócios e política partidária. A revolução está prestes a estourar. Padilha, sendo um socialista convicto, prega idéias revolucionárias tanto na escola em São Bernardo, onde é professor, quanto no jantar servido na casa da fazenda. Padre Silveira mostra-se insatisfeito com os governantes atuais e simpatiza com a oposição. Madalena também é a favor da justiça social. D. Glória chora com medo do comunismo. Paulo Honório começa a achar que Madalena é comunista e, portanto, não tem religião, e mulher sem religião é capaz de tudo. Vê em Padilha um possível amante de Madalena, pois ambos são comunistas. Passa a ver todos os homens que frequentam a casa, e até os empregados, como possíveis amantes da mulher.

Paulo Honório está obcecado de ciúme por Madalena. As brigas entre o casal não cessam. Ele avilta-lhe a correspondência, vigi-a diariamente, acorda sobressaltado à noite, vê amantes por todos os lados. Madalena esvai-se em lágrimas e emagrece dia a dia. Algumas vezes, enredados no drama familiar, tentaram reconciliar-se. Nessas vezes Paulo Honório admitia que a esposa era boa demais,

uma alma sensível; e ele, um bruto. Em vão. As cismas retornam e culpa a mulher por também não ligar para o filho pequeno que chora abandonado pelos cômodos da casa. Admite que nem ele próprio, o pai, tem apego à criança. Uma noite Paulo Honório encontra parte de uma carta escrita por Madalena e vai tomar-lhe satisfação. Está crente de que a carta é para outro homem. Vai à Capela e surpreende-se com a esposa rezando. Ela que vivera às voltas com o trabalho, ajudando seu Ribeiro, que nunca mostrara interesse por assuntos religiosos, conta-lhe que o motivo foi ter passado a vida inteira sobre os livros, estudando. A pobre tia fazendo de tudo para que se formasse e pudessem ter uma vida mais digna. Madalena diz a Paulo que a carta que tem nas mãos, escreveu-a para ele, e a outra parte está sobre a bancada, no escritório. Retira-se. Paulo Honório permanece ali, inerte, durante horas. Houve um tiro. Volta correndo para casa. Madalena suicidou-se.

É acometido por imenso vazio depois da morte da esposa. Sua imagem o persegue. As lembranças persistem em seus pensamentos. D. Glória, com quem Paulo Honório sempre implicara, resolve partir apesar da insistência dele para que fique. Em seguida seu Ribeiro demite-se, fazendo-o lastimar a perda de excelente homem. Padilha junta-se ao exército revolucionário. Uns dez empregados o seguem. Os amigos já não freqüentam mais a casa. O governo, com a revolução, está acuado. Cai o partido de Paulo Honório. Fregueses quebram. Inimigos antigos voltam a ocupar-se com a questão da demarcação das terras de São Bernardo. A crise é geral. A fazenda está decadente. Paulo Honório sabe que pode tentar reerguê-la mas se pergunta: para quê?

Escrever a história de sua vida, a casa vazia, e a completa solidão em que vive, o faz refletir sobre si mesmo e considerar o erro que cometeu, tomando o rumo que tomou. "Julgo que desnorteei numa errada." É capaz de compreender agora em que homem mesquinho se tornou. E Madalena, repleta de bons sentimentos, foi de encontro à aridez dele próprio. Fatalista diante da impossibilidade de mudança, sente-se enclausurado em si mesmo. "Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes."

E finaliza: "Eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste à mesa e descanse uns minutos."